O tempo do radiojornalismo: a reflexão em um contexto digital

Mágda Cunha*

Resumo

O artigo procura fazer uma reflexão sobre o que considera um novo desafio para o rádio, após tantos já enfrentados: como fica o tempo da informação radiofônica em um contexto de disseminação de suportes e processos digitais? Considera que com as novas possibilidades existentes de transmissão e recepção da informação, especialmente jornalística, começa a ser construída uma nova relação com o tempo das notícias, determinado agora pela audiência e não mais pelos processos lineares da linguagem do áudio. Tempo e som invisíveis possibilitam a construção de um novo sentido na relação fato, notícia e audiência.

Palavras – chave

radiojornalismo – tempo – jornalismo digital – audiência

*Professora de Radiojornalismo, mestre em Comunicação Social, doutora em Letras, coordenadora do curso de Jornalismo da Famecos/PUCRS.

O rádio vive, neste início de século, um novo desafio de adaptação. Não se trata mais das velhas afirmações sobre extinção ou desaparecimento que já enfrentou diante da televisão. O meio alcança o século XXI encontrando o fenômeno da Internet, capaz de colocar o mundo em rede e com grande poder de abrangência. As ondas radiofônicas, por sua vez, passaram a ser digitais e o rádio entendeu que deveria estar na Internet. As emissoras na web contam também com imagens agregadas ao áudio. Todavia, o rádio, na passagem do século XX ao XXI, permanece também em sua forma original, com transmissão analógica, em muitas partes do mundo. Emite informação por intermédio de computadores ou pequenos rádios a pilha.

A idéia de abrangência é normalmente citada para o rádio por ser um meio ligado à audição. Com isso, tem maior alcance, atingindo populações geograficamente distantes dos grandes centros urbanos e analfabetos. A portabilidade, propiciada pelo transistor, tem sido um dos elementos fundamentais. Num período de tecnologia digital, o rádio soma a esta abrangência a possibilidade de transmissão de uma mesma mensagem de caráter local em esfera mundial. Um indivíduo pode criar sua emissora na Internet, fazê-la falar para o mundo ou apenas para um grupo de amigos. Pode trabalhar em computadores e ouvir emissoras de qualquer parte do mundo, simultaneamente, com elevada

Um indivíduo pode criar sua emissora na Internet, fazê-la falar para o mundo ou apenas para um grupo de amigos

qualidade de som.

As reflexões, porém, não podem lançar somente um olhar otimista, levando-se em conta as profundas mudanças pelas quais passa o mundo, influenciado pelo desenvolvimento tecnológico. Mesmo tendo se adaptado e sobrevivido como meio, o rádio não pode descansar. Neste contexto de mudanças, é fundamental refletir sobre o jornalismo no rádio. O conteúdo radiofônico deve passar por uma adaptação relacionada aos outros meios. Trata-se de um momento de acomodação e complementação de mídias e do próprio rádio. As modernas tecnologias que dão suporte à Internet estabelecem uma nova relação no que diz respeito à informação jornalística. A questão agora está voltada, especialmente, para o tempo. O que o radiojornalismo pode oferecer, permanecendo rádio, mas considerando o novo contexto?

O tempo oferecido pela Internet, por exemplo, proporciona informação on demand, adaptando-se ao horário da audiência. O rádio inaugura o jornalismo ao vivo e, com isso, ganha em poder de transmissão de um fato, com instantaneidade e agilidade. Ao mesmo tempo, ganha a audiência que pode acompanhar o acontecimento diretamente, mas perde aquele ouvinte que não quer ou não pode ouvir determinada

notícia naquele momento. A possibilidade de “congelar” o tempo veio com a internet e agora através de aparelhos como o RadioShark (www.griffintechology.com/products/radioshark/) que, entre outras possibilidades, permite dizer qual o horário é o nobre para cada um, como aponta Negroponte (1995). Soma-se a isso a possibilidade de ouvir emissoras da internet em um celular ou computador de mão sem fio. Neste caso, o item mobilidade, inaugurado pelo próprio rádio, também está presente neste momento da revolução digital. O tempo e espaço assim deixam de ser barreira, pois é possível ouvir uma rádio de qualquer lugar do planeta, no momento em que mais interessar. Um dos impactos mais claros disto é a personalização da informação, o que torna o conceito de mídia massiva cada vez mais distante.

Mas, em meio a tantas mudanças e possibilidades, a conceituação de rádio é fundamental. Meditsch (2001:229), baseado na obra de Arnheim, procura definir, em meio às reflexões sobre o atual momento, a especificidade do rádio a partir de três características que considera indissociáveis. Trata-se de um meio de comunicação sonoro, invisível e que emite em tempo real. Se não for feito de som, não é rádio, se tiver imagem junto, não é mais rádio, se não emitir em tempo real (o tempo da vida real do ouvinte e da sociedade em que está inserido) é fonografia, também não é rádio.

O tempo e espaço assim deixam de ser barreira, pois é possível ouvir uma rádio de qualquer lugar do planeta, no momento em que mais interessar

De acordo com o autor, a definição é radical, mas permite entender que o rádio continua rádio, mesmo quando não transmitido por onda de radiofrequência. Permite ainda, distinguir uma web radio, em que ouvir só o som basta, de um site sobre rádio, que pode incluir transmissão de rádio, ou de um site fonográfico. A definição apontada por Meditsch, aliada às considerações iniciais deste trabalho, devolve esta reflexão à pergunta inicial: se o rádio continua rádio, com som, transmitindo em tempo real, como o radiojornalismo vai conviver com as mudanças relacionadas ao tempo da oferta da informação hoje por diferentes mídias, considerando-se, por exemplo, que este tempo é personalizado de acordo com a necessidade da audiência?

Essas variáveis têm levado, inclusive, à discussão sobre o futuro do próprio jornalismo, tema que não é central nesta reflexão, mas que deve ser considerado. Traquina (2002) aconselha prudência neste início de milênio, quando o jornalismo, segundo ele, mal começou a sofrer o impacto do novo “quarto mídia”, o cibernídia. O autor cita considerações sobre as quais os jornalistas são uma espécie ameaçada e podem tornar-se desnecessários. Outras, porém, defendem que a chegada do cibernídia pode reforçar o papel dos jornalistas nas sociedades contemporâneas.

Mas, assim como o rádio, que não morreu, mas modificou-se, entende-se que o jornalismo passa pelo mesmo processo. Cunha (2003) considera

que a função do jornalista muda com o desenvolvimento tecnológico. Os fatos em primeira mão podem não ser mais privilégio deste profissional, uma vez que em cada ponto do mundo há narradores-receptores, conectados em rede e munidos de tecnologia adequada, podendo estar bem mais próximos do acontecimento. Ao jornalista cabe agora o aprofundamento do fato, a análise. A sociedade do século XX, que chega ao XXI, desenvolveu para si tecnologias de independência em todas as áreas, de liberdade em relação a um mediador. Acontecimentos narrados em primeira mão seguem este processo, uma vez que sua origem pode ser qualquer indivíduo com uma pequena câmera ou um telefone celular e que esteja presenciando o fato.

Um olhar sobre a história

As mudanças relacionadas à tecnologia digital, que têm influenciado a informação jornalística e, no caso deste trabalho, o rádio, não começaram obviamente agora. Vêm sendo construídas há mais de um século, talvez silenciosamente, mas não com menor impacto sobre diversos setores da sociedade. Brody e Brody (1999:396) relatam que entramos no século XX a cavalo. Sairemos dele a bordo de naves espaciais. Afirmam que a humanidade ingressa neste século morrendo de febre tifóide e varíola, e se despede dele tendo vencido essas doenças. Na virada do século XIX, transplantes de órgãos são inconcebíveis, enquanto na

**Mas, assim
como o rádio,
que não
morreu, mas
modificou-se,
entende-se que
o jornalismo
passa pelo
mesmo
processo**

virada do século XX muitos sobrevivem porque o coração ou outro órgão vital de uma outra pessoa os sustenta. Em 1900, a expectativa de vida humana é de 47 anos e hoje é de 75. Adentramos este século comunicando-nos a curta distância com o recém-inventado rádio. Hoje, enviamos sinais e imagens coloridas através de bilhões de quilômetros no espaço.

Nunca, em nenhum período anterior, como no final do século XIX até meados do século XX, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos. Neste momento, a economia capitalista torna-se global. Sevchenko (1998) afirma que a raiz dessa dinâmica expansionista está em fins do século XVIII, ao redor de 1780, com a Revolução Industrial.

O momento seguinte da expansão da economia industrial é desencadeado pelo advento da Segunda Revolução Industrial, também intitulada Revolução Científico-Tecnológica, conforme Sevchenko (1998), começando em meados do século XIX, tendo sua plena configuração em 1870. O autor entende que, embora seja considerada como um segundo momento da industrialização, esta revolução é muito mais complexa, ampla e profunda do que um mero desdobramento da primeira. Representa um salto, tanto em termos qualitativos quanto

quantitativos e resulta da aplicação das mais recentes descobertas científicas aos processos produtivos. Ela possibilita o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados de petróleo, dando origem a novos campos de exploração industrial. Entre essas possibilidades estão indústrias químicas, novos ramos metalúrgicos, como os do alumínio, do níquel, do cobre e dos aços especiais, além de desenvolvimento nas áreas da microbiologia, bacteriologia e bioquímica, com efeitos significativos sobre a produção e conservação de alimentos.

Com o impacto da Revolução Científico-Tecnológica, que altera tanto os hábitos e costumes cotidianos, quanto o ritmo e intensidade dos transportes, comunicações e do trabalho, o mundo que se estabelece parece familiar às pessoas. Os potenciais são medidos em escalas abstratas de estrito valor matemático, como os volts, watts, ampères, hertz, roentgen, mach.

Nenhuma impressão marca mais fortemente as gerações que vivem entre o final do século XIX e o início do XX, reflete Sevcenko (1998:516), do que a mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos, sobretudo no âmbito das grandes cidades. Os novos recursos técnicos, por suas características, desorientam, intimidam, perturbam, confundem, distorcem e alucinam. Isto porque as escalas, potenciais e velocidades envolvidos nos novos equipa-

Os novos recursos técnicos, por suas características, desorientam, intimidam, perturbam, confundem, distorcem e alucinam

mentos e instalações excedem as proporções e as limitadas possibilidades de percepção, força e deslocamento do corpo humano.

“Compare-se o símbolo máximo da nova técnica, a Torre Eiffel, com o tamanho de um ser humano médio. Ou a força de uma locomotiva ou a velocidade de um avião. Ou coteje-se a escala de uma casa familiar de proporções médias com as dimensões de uma usina hidroelétrica ou de um complexo siderúrgico ou de um aeroporto. Ou compare-se a luz de uma vela, acessório milenar da humanidade, com um holofote, ou uma página de livro com uma tela de cinema”.

O mais perturbador é o ritmo com que essas inovações invadem o dia-a-dia das pessoas, principalmente no contexto das grandes metrópoles modernas, outro fenômeno derivado da revolução. Roberts (2001) considera difícil afirmar o que a sociedade no conjunto pensa. Por exemplo, as populações destacam que muito do que aparentemente diminui o indivíduo e retira-lhe o poder de conduzir a sua vida são o crescimento das cidades enormes e anônimas, a construção de impérios industriais, onde as pessoas são apenas pequenos dentes nas engrenagens das grandes máquinas, além do aumento do poder do governo. Tudo isto parece deixar o indivíduo passivo, apático e desamparado. Mas é possível argumentar igualmente que grande parte da vida cotidiana de milhões de pessoas efetiva-

mente passa a ter maior liberdade de escolha do que em épocas anteriores da história.

As metrópoles crescem horizontalmente e podem expandir-se na vertical, graças à versatilidade dos novos materiais de construção, como o concreto armado, aços especiais, alumínio e chapas resistentes de vidro, que darão origem aos prédios e arranha-céus.

“Estes podem ser facilmente escalados, apesar da altura gigantesca, por meio da eletricidade que move os elevadores. E, para achar um amigo, basta apertar a campainha e usar o interfone. Ah, e convém não esquecer de acender a luz do hall, pois lá dentro não entra a luz do sol” (Sevcenko, 2001:62).

A população tem sua vida administrada por uma complexa engenharia de fluxos, que controla os sistemas de abastecimento de água corrente, esgotos, fornecimentos de eletricidade, gás, telefonia e transportes, além de planejar as vias de comunicação, trânsito e sistemas de distribuição de gêneros alimentícios, de serviços de saúde, educação e segurança pública. Dessa forma, numa metrópole, tudo se insere em sistemas de controle, até o passo com que as pessoas se movem nas ruas. Há dependência da intensidade dos fluxos de pedestres e do trânsito de veículos, de forma que, se alguém for mais lento do que seus circundantes, pode ser chutado, acotovelado e pisado. Se não atravessa a via expressa rapidamente, termina debaixo de

Na sociedade
mecanizada
são homens
e mulheres
que devem
se adaptar
ao ritmo e à
aceleração das
máquinas e
não o contrário

algum veículo.

O controle tecnológico pleno do ambiente acaba alterando seus comportamentos. Na sociedade mecanizada são homens e mulheres que devem se adaptar ao ritmo e à aceleração das máquinas e não o contrário. A alteração no padrão do comportamento das pessoas, imposta pelas máquinas, provoca uma mudança no quadro de valores da sociedade. Afinal, como relata Sevcenko (2001), os indivíduos não são mais avaliados pelas suas qualidades pessoais ou pelas diferenças que tornam única a sua personalidade. Não há tempo nem espaço para isso. Nas grandes metrópoles em rápido crescimento, todos vêm de algum outro lugar. Portanto, praticamente ninguém conhece ninguém, cada qual tem uma história à parte.

O tempo do radiojornalismo

Se até o século passado, a aceleração das máquinas controlou o ambiente e levou as pessoas a se adaptarem ao seu ritmo, a tendência que começa a se desenhar, pelo menos no que diz respeito à informação, é que a tecnologia digital vai oferecer a possibilidade de adaptação ao tempo da audiência. Mas o que é este tempo que vem mudando, junto com a alteração espacial da sociedade? Elias (1998:7) aborda a complexidade relacionada à medição do tempo que...não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor. Há uma coisa que continua à espera de resposta: como medir uma

coisa que não se pode perceber pelos sentidos? Uma hora é algo de invisível.

De acordo com o autor, os relógios não medem o tempo invisível, mas algo perfeitamente passível de ser captado, como a duração de um dia de trabalho ou de um eclipse lunar. Os relógios são processos físicos que a sociedade padronizou, decompondo-os em sequências-modelo de recorrência regular, como as horas e os minutos. Graças a eles, segundo Elias (1998), é possível comparar a duração ou a velocidade de processos que se desenrolam sucessivamente e que, por isso, não podem ser diretamente comparados, como a duração de dois discursos, proferidos um após o outro.

Demonstrando a complexidade do tema, Elias (1998) relembra as várias formas como o tempo foi considerado. Até a época de Galileu, o tempo servia aos homens, essencialmente como meio de orientação no universo social e como modo de regulação de sua coexistência. No centro da polêmica sobre a natureza do tempo havia, e talvez ainda haja, duas posições opostas. Para alguns, o tempo constitui um dado objetivo do mundo criado, e que não se distingue, por seu modo de ser, dos demais objetos da natureza, exceto por não ser perceptível. Outros entendem que o tempo é uma maneira de captar em conjunto os acontecimentos que se assentam numa particularidade da consciência humana ou, conforme o caso, da razão ou do espírito

Para alguns,
o tempo
constitui um
dado objetivo
do mundo
criado, e
que não se
distingue,
por seu
modo de ser,
dos demais
objetos da
natureza,
exceto por
não ser
perceptível

humanos e que, como tal, precede qualquer experiência humana.

Elias (1998:11) afirma que todo o indivíduo, por maior que seja sua contribuição criadora, constrói a partir de um patrimônio de saber já adquirido, o qual ele contribui para aumentar, o que não é diferente no que diz respeito ao conhecimento do tempo. O conceito de tempo não remete nem ao “decalque” conceitual de um fluxo objetivamente existente nem a uma forma de experiência comum à totalidade dos homens e anterior a qualquer contato com o mundo. O tempo não se deixa guardar como- damente numa dessas gavetas conceituais, onde ainda hoje se classificam, com toda a naturalidade, objetos desse tipo. O autor ressalta que a operação de determinação e datação do tempo não se deixa conceber a partir de uma representação que divida o mundo em sujeito e objeto.

“Ela repousa, simultaneamente, em processos físicos não importando que sejam moldados pelos homens ou independentes deles e em observações capazes de abarcar, de reunir numa síntese conceitual aquilo que se apresenta numa sucessão, e não como um conjunto. Não são o homem e a natureza, no sentido de dois dados separados, que constituem a representação cardinal exigida para compreendermos o tempo, mas sim os homens no âmago da natureza” (Elias, 1998:12)

As novas mídias estão em clara convivência com as anteriores

Se o pensamento complexo sobre o tempo exige relacioná-lo diretamente à existência humana e vice-versa, é importante reconhecer que a tecnologia digital proporciona uma informação onde o tempo não é linear. Considera a humanidade dentro do tempo coletivo e individual, mas foi construída por esta própria humanidade, ampliando os conhecimentos já adquiridos e adaptando a tecnologia a seu favor.

Palácios (2003:8) entende que exercer um ofício hoje é (re)inventá-lo incessantemente, interpretando continuidades, buscando potencializações, vislumbrando e propondo rupturas.

“Este é um momento na história do Jornalismo em que a disseminação das aplicações digitais e a generalização da comunicação mediada por computador produzem potencializações de uma tal ordem de grandeza que até mesmo as continuidades mais se assemelham às rupturas”.

O autor considera ainda que não se trata de um processo de evolução, de substituição de suportes, pois mais de uma década depois do surgimento do jornalismo online, “continuam a florescer” o radiojornalismo, o telejornalismo e o jornalismo impresso. Todavia, nenhum deles é mais o mesmo. As novas mídias estão em clara convivência com as anteriores.

Machado (2003:13) relata pesquisas dos últimos 8 anos indicando que mesmo com funções e feições muito distintas, o jornalismo segue como tipo de

conhecimento essencial para a organização das sociedades complexas. Porém, o jornalista deve operar em sintonia com o departamento de tecnologia das organizações. No ciberespaço, mais que uma extensão dos profissionais, como defendera McLuhan, a tecnologia emerge como constitutiva da prática jornalística. O autor cita ainda que, erroneamente, nos estudos sobre a prática profissional no jornalismo digital, são adotados como parâmetro pelos pesquisadores os procedimentos usados nos meios convencionais, transplantados como elementos estruturais do sistema de produção de conteúdos das publicações jornalísticas no ciberespaço.

Na reflexão aqui sobre o rádio o que se leva em consideração não são as emissoras na internet ou a informação em rede propriamente dita, mas a convivência ou co-existência da informação jornalística radiofônica com um contexto de redes. Contexto este de disseminação de suportes digitais que estabelecem uma nova relação com o tempo das informações disponibilizadas à audiência.

Ao longo do século XX o rádio foi concebido desde a simples experiência de transmissão de sinais, até sua transformação em um meio portátil, com grande abrangência na transmissão de informações jornalísticas. Dialogando com as mudanças impulsionadas pelas revoluções industrial ou científico-tecnológica,

ele transformou suporte e adaptou conteúdos, buscou a segmentação, deixou de lado o entretenimento e assumiu o jornalismo. Mas qual tem sido o tempo da informação no rádio?

Se trouxermos as considerações de Elias (1998) este tempo é tão invisível quanto o som emitido. Impossível de ver, tocar, ouvir, saborear ou respirar. Voltado especificamente para o rádio, o pensamento de Meditsch (2001) aponta para o tempo da vida real do ouvinte e da sociedade em que está inserido. Som e tempo invisíveis, aliados à miniaturização pela tecnologia, deram ao rádio características como agilidade, instantaneidade, possibilidade de transmitir ao vivo os acontecimentos, diretamente do local em que estão ocorrendo e suporte presente junto à audiência. Porém, os suportes digitais hoje permitem a existência da informação em rede. Todos podem transmitir para todos em tempo real, com atualização permanente, mantendo on demand a informação que constrói o contexto do fato.

O tempo de recepção não é mais o estabelecido pelos tradicionais produtores da informação, mas é construído pela audiência individualmente, de maneira personalizada. Esta construção gera tempos diferentes, mas relacionados, produzindo novos sentidos a um formato ao qual todos já estavam acostumados. No ágil rádio já conhecido, saber o resultado de um jogo ou ouvir uma notícia urgente pode representar a audição de outras

O tempo de recepção não é mais o estabelecido pelos tradicionais produtores da informação, mas é construído pela audiência individualmente, de maneira personalizada

informações que interessem bem menos naquele momento. Um lapso de tempo de 5 minutos, pode representar a perda de metade de um espaço de síntese noticiosa. Hoje, as mesmas emissoras já se preocupam em manter as sínteses em seus sites para acesso posterior.

O objetivo desta reflexão não é reduzir os méritos da agilidade da informação radiofônica, mas reconhecer que o momento é de desafios. Já há coberturas importantes em que, ao vivo, as emissoras informam captando as notícias da web. As rádios, mesmo mantendo suas características originais ou atuando também na web, devem reconhecer que a audiência, que sempre teve muitas alternativas, hoje não depende mais do tempo determinado pelos meios convencionais, estabelece o seu próprio.

Apontar caminhos neste momento, como reconhece Traquina (2002), pode representar um risco. Mas é preciso pensar nas inevitáveis mudanças. Cada vez mais, o jornalismo se enca-minha para o aprofundamento dos fatos, a análise, a reconstrução do contexto dos acontecimentos. O velho hábito de fazer com que o fragmento fale pela totalidade pode cair em desuso, especialmente pelo crescente número de possibilidades em diferentes tempos de oferta.

A informação imediata está em toda a parte, uma vez que a humanidade se colocou em rede, estabelecendo uma nova relação com o tempo da notícia. Mesmo correndo o risco, é possível afirmar

na existência hoje de um tempo do fato e de um tempo da audiência. Anteriormente, as etapas eram fato, emissão e recepção. O tempo da mediação radiofônica passará a ser outro, diferente, resultante da relação fato/tempo da audiência, considerando-se que o áudio é uma linguagem linear. Não se trata aqui de uma avaliação sobre a narração de um fato que gera outro fato, como afirma Rodrigues (1993), de que os meios de comunicação de massa, ao relatarem um acontecimento, além do fato relatado, produzem o relato do acontecimento como um novo que vem a integrar o mundo. Entende-se como um outro tempo deste mesmo acontecimento, definido pela recepção, reconhecendo-se também que este tempo influenciará no sentido no acontecimento.

Referências Bibliográficas

- BRODY, David Eliot; BRODY, Arnold R. As sete maiores descobertas científicas da história. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CUNHA, Mágda. “Um novo jornalista para narrar o mundo”. Trabalho apresentado no I Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos - II Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos: Porto/Portugal, 2003.
- ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. O novo século: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas. Salvador: Calandra, 2003.
- MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempo de internet. In DEL BIANCO, Nélia e MOREIRA, Sonia Virginia (Orgs.). Desafios do rádio no século XXI. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: Uerj, 2001.
- NEGROPONTE, Nicholas. Vida digital. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- PALACIOS, Marcos. Um prefácio com muitas maiúsculas. In MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas. Salvador: Calandra, 2003.
- PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. História da vida privada. Da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ROBERTS, J. M. O livro de ouro da história do mundo. Da pré-história à idade contemporânea. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil: 3)
- TRAQUINA, Nelson. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.
- ROBERTS, J. M. O livro de ouro da história do mundo. Da pré-história à idade contemporânea. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil: 3)
- TRAQUINA, Nelson. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.